amor & outras mentiras

andreia ramos

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

PLAYLIST

MUTYA BUENA — *REAL GIRL*
BRUNO MARS — *COUNT ON ME*
ARIANA GRANDE — *INTO YOU*
JESSE MCCARTNEY — *JUST SO YOU KNOW*
RICKY MARTIN — *LIVIN' LA VIDA LOCA*
RUI VELOSO — *CHICO FININHO*
SHAKIRA — *HIPS DON'T LIE*
JUSTIN TIMBERLAKE — *CAN'T STOP THE FEELING!*
ABBA — *GIMME! GIMME! GIMME! (A MAN AFTER MIDNIGHT)*
LOS DEL RÍO — *MACARENA*
CALUM SCOTT — *IF OUR LOVE IS WRONG*
THE SCRIPT — *I WANT IT ALL*

Para todas as Vanessas dos seus Duartes.
E para todos os leitores que fariam tudo pela sua pessoa.

PRÓLOGO
Vanessa

Vejo o emaranhado de mãos brindar com pequenos copos de *shot,* e engulo o meu ao som de um *uuhh* jovial. O álcool queima-me a garganta e para cortar dou um gole no meu *cocktail* de morango, doce e refrescante. A música bombeia-me nos ouvidos e o meu coração parece cada vez mais próximo de me sair pelo peito de cada vez que a batida acelera.

É o primeiro dia do resto da minha vida.

Estou finalmente licenciada, pronta para conquistar o meu lugar no mundo.

Se ao menos o Duarte andasse por aqui para festejarmos juntos.

Volto a verificar o telemóvel e suspiro, dececionada. Não é hábito dele atrasar-se.

Acabo por dançar durante mais uma hora até precisar de parar e ir apanhar ar. Saio da discoteca e encosto-me ao pequeno muro que me separa do rio Tejo, a observar as estrelas. A noite está quente e, mesmo cá fora, sinto a necessidade de prender o cabelo num rabo de cavalo mal apanhado.

Duarte, onde é que andas?

É ao voltar-me, para regressar ao espaço que a minha faculdade alugou, que bato contra um corpo desconhecido. Traz umas calças escuras e uma camisa justa, que esconde o que parece ser um corpo bem esculpido. Que nem um cavalheiro, pede-me logo desculpa, embora a culpa tenha sido claramente minha. Reparo no sorriso aberto, no cabelo escuro meio despenteado e nos olhos claros que me observam, provavelmente para tentar perceber se estarei bêbeda ou não. Não estou.

— Não, eu é que peço desculpa — acabo por formular, quando descubro como é que se criam palavras.

— Não tem problema. Também vinha distraído, estou à procura de alguém. — O tom é simpático e o ar descontraído, e, por algum motivo, sinto-me toda a revirar por dentro. Se ao menos o Duarte estivesse aqui, não estaria a ficar encantada por este belo estranho.

E logo eu, que não sou dada a estas coisas.

— Bem, és jovem, hás de encontrá-la. — Humor, uma das minhas melhores armas. E, contra as minhas expectativas, ele ri-se e encosta-se ao muro, ao meu lado.

— Ah, não é nada disso — acaba por dizer, dando depois atenção à festa. — És da faculdade que organizou isto? — Assinto com a cabeça e levo a palhinha à boca, talvez um pouco de coragem em forma de *cocktail* seja o que preciso. — Gosto da tua *t-shirt*. Não imagino nenhuma rapariga que conheço a usá-la. Agrada-me.

Involuntariamente, olho para baixo. Tenho a minha *t-shirt* cinzenta com letras pretas que dizem *Ew, people* com um nó no fim que me deixa um pouco de pele à mostra, um pouco acima da minha saia escura.

— Deves conhecer raparigas aborrecidas, então. — Acabo por morder o lábio porque *o que é que acabei de dizer?!* Não obstante, ele solta outra gargalhada e juro que quero guardar este som para todo o sempre. *Quem és tu, rapaz desconhecido?*

— Não posso discutir com isso. — Noto que vai dizer mais qualquer coisa, mas detém-se e olha em volta. Tem os olhos irrequietos, como se estivesse à procura de algo que não está a encontrar. — Bem, ias voltar a entrar, não era? Posso ir contigo, ou… podemos ir dar uma volta?

Nunca fui na laia de engate de, literalmente, nenhum tipo, embora já tenha tido a minha quota-parte de casos. Em boa verdade, normalmente as minhas *t-shirts* afastam-nos. Isso e o facto de não ser a típica miúda desesperada por amor que aceita quaisquer olhos bonitos e sorriso capaz de publicitar marcas de pastas de dentes. Por isso, surpreendo-me a mim mesma quando digo:

— Acho uma ótima ideia.

Não sei como passo de mandar mensagens de dez em dez minutos ao meu melhor amigo a perguntar onde se meteu, a esquecer-me do telemóvel durante horas, enquanto caminho junto ao rio com este rapaz à medida que apenas conversamos.

Ele diz-me que se licenciou em Gestão e que já está a trabalhar no negócio

de família, embora contrariado. Ao que parece, a família não lhe deu grande margem de manobra. Diz-me que só gosta de chocolate branco, odeia romãs e é alérgico a cães. O que é horrível, porque o meu futuro marido não pode ser alérgico a cães — espero que ele consiga resolver isso de alguma forma. Acabo por lhe contar que sou de uma terra pequena, criada por toda a gente de lá, e que estou a planear mandar dezenas de currículos já amanhã. Quero começar a trabalhar o mais rapidamente possível, quero criar estratégias para grandes empresas, quero deixar a minha marca.

Quando nos cansamos de andar, mas não de falar, sentamo-nos num muro que dá para o rio, na zona do Cais do Sodré, com uma brisa suave a abanar-me os cabelos mal apanhados.

É possível não conhecermos alguém mas apaixonarmo-nos perdidamente por essa pessoa após apenas uma… bem, duas… ou três, talvez, horas de conversa? Só sei que o sol já deve estar quase aí a aparecer, e eu estou completamente derretida.

— Esta noite está a ser muito melhor do que pensei — acaba ele por admitir, com um daqueles sorrisos que já me conquistaram.

— Não estás arrependido por não teres encontrado a pessoa de que estavas à procura? — Não sei porquê, mas espero que me diga algo como *ah, não, estava só à procura da minha irmã* ou *era só um grupo de amigos*.

— Encontrei melhor.

Sinto-o levar a mão à minha bochecha e acariciá-la. Consigo ver os seus olhos a alternar entre os meus e a minha boca, e sei que me quer beijar. Com um certo nervoso miudinho, dou o primeiro passo e espero que junte os seus lábios aos meus, coisa que não tarda a fazer. Já beijei a minha quota de rapazes, mas este? A forma como os seus lábios quentes se entrelaçam nos meus, como me envolve neste momento só nosso… sinto que posso beijá-lo para sempre.

— Gosto do teu batom — diz-me, com um tom de brincadeira, quando nos separamos por momentos. *Maldita necessidade de oxigénio.* — Que cor é?

Não consigo evitar de soltar uma gargalhada.

— Que cor é? Sei lá, Vermelho-Fogo? É a única cor que me fica bem.

Ele ri-se também, mas depois o seu telemóvel começa a tocar e vejo que o nosso conto de fadas está destinado a ficar por aqui. Quem é que lhe poderia ligar às não sei quantas da madrugada?

— Desculpa, é o meu irmão. — *Ufa!* — Achas que podemos voltar a encontrar-nos? Acabei de perceber que nem sei o teu nome…

E é então que tenho uma ideia de génio. Abro a mala e rasgo um pedaço

de papel, escrevendo lá o meu número de telemóvel. Antiquada? Talvez, mas não posso deixar o romance morrer. Além disso, por uma vez, quero ser eu a viver o conto de fadas.

— Digo-te quando me ligares — prometo. — E podes dizer-me o teu também nessa altura.

Conforme me deixa, depois de nos despedirmos, reparo que tenho à volta de um milhão de chamadas não atendidas do Duarte, e mensagens de quando chegou à festa, de enquanto lá estava e de quando decidiu ir embora.

Bolas, esqueci-me completamente dele. Mas, quando lhe contar tudo isto, daqui a umas horas, sei que vai compreender.

Fico à espera de que o meu estranho encantador me ligue.

Ele nunca o faz.

CAPÍTULO 1

Vanessa

TRÊS ANOS DEPOIS

Outro dia de merda.

Sabem quando somos jovens e achamos que se fizermos tudo certo, a vida nos vai recompensar? Quando o mundo nos diz para sermos boas raparigas? Para dizermos *por favor* e *obrigada*. Para escolhermos bons rapazes. Para estudarmos de forma a conseguir o nosso emprego de sonho. De forma a sermos alguém. *Tretas*.

Estrangulo-me um pouco mais com a almofada de penas de forma a suprimir um meio berro e meio guincho que quando somados resultam num total desespero. E como é que sei que é mais outro dia de merda se ainda nem sequer saí da cama? É tão simples.

Quando era apenas uma criança, a minha vizinha da frente perguntou-me o que queria ser quando crescesse. Todas as crianças pareciam dizer coisas como *quero ser cantora* ou *espero ser super-heroína* ou *vou ser modelo da Victoria's Secret*, como se de facto soubéssemos, aos seis anos, quem era a Victoria Secret e os *soutiens* brilhantes que fabricava. Mas eu não. Eu olhei para ela, enchi o peito de ar e cuspi pelos buracos dos dentes de leite que já me faltavam: *eu vou trabalhar em comunicação*. Atenção. Aos seis anos, eu não era uma criança sociável. Falava com a minha vizinha, sim, mas isso não é propriamente incrível. Para uma miúda que não gostava de falar com outros, dizer aquilo significava uma de duas coisas: ou era maluca, ou não sabia o significado da palavra *comunicação*.

Mas essa ideia cresceu comigo. Na adolescência, em que já era reconhecida como a alma da festa, evoluí do ingénuo *eu vou trabalhar em comunicação*

para o ambicioso *caraças, eu vou ser como a Samantha do* Sexo e a Cidade. Uma relações-públicas de sucesso. Uma mulher segura, confiante, sem todo o *chantilly* no corpo despido, claro. E depois reconsiderava e pensava: *diabos, até com o* chantilly *no corpo despido!*

Por isso, fiz o que o mundo me disse: estudei, optando pelo que decerto me daria uma melhor saída profissional, a comunicação e o *marketing* digital; estagiei de graça, como tantos outros pobres coitados nesta área inglória; e, depois de todas as minhas lágrimas e suor, consegui o meu lugar no mundo.

E por lugar no mundo, quero dizer naquele buraco escuro que é a TPM! Comunicação, uma agência com meia dúzia de pessoas a trabalhar horas extra por salários medíocres para aqueles que são, muito provavelmente, os piores clientes do mundo. Aposto que se houvesse um estudo ou sondagem, esta minha suposição seria comprovada sem o mínimo de esforço.

É engraçado como os génios de *marketing* desta agência, os sócios Teixeira, Pires e Monteiro, não entenderam que juntar as iniciais dos seus apelidos podia não dar a melhor sigla para, bem, qualquer coisa. Metade do meu trabalho nas redes sociais é limpar a nossa imagem e defender a nossa agência de comentários como *já é aquela altura do mês? Para pagar, claro, AH AH AH* ou *pareço mais gordo? A fatura que passam pelos vossos serviços bem que parece*.

E é assim que sei, quando o alarme me avisa pela terceira vez que tenho de me levantar, que vai ser outro dia de longas horas a aturar… *blhec*, pessoas. Não me interpretem mal, só era antissocial em criança, atualmente adoro pessoas! Simplesmente não adoro aquelas pessoas. Ou aquele sítio. Ou aquela forma de trabalhar.

Arrasto-me para um duche rápido e trato de me aperaltar como sempre: umas calças de ganga, uns ténis e uma *t-shirt* estampada. A minha perdição são *t-shirts* com frases ou ditados, e a de hoje diz *It's not me, it's you*, que é literalmente o que eu podia responder a qualquer um dos meus clientes quando me ligam a queixar-se. A única coisa que realmente consigo olhar ao espelho e dizer *ah, aí está, igualzinha à Samantha* é o meu cabelo, que, modéstia à parte, é mais comprido e de um tom de loiro mais bonito do que o dela.

Toma lá, Samantha, ficas com o dinheiro, o trabalho, os homens e o glamour*, mas no cabelo não me ganhas*.

— Bem, acho que existe um limite de até quando a pessoa pode procrastinar para sair de casa — resmungo só para mim, em frente ao espelho, depois de retocar o meu batom Vermelho-Fogo pela segunda vez. — 'Bora lá.

Desço do meu terceiro andar desta glamorosa rua de Moscavide, provavelmente a mais escura, barulhenta e suja de toda a zona circundante, e ando meia dúzia de minutos até chegar a um prédio velho. Há dois anos, quando vim à entrevista de emprego, fiquei aqui especada porque imaginava que uma agência de comunicação ficasse em tudo menos no rés do chão de um prédio a cair aos bocados. Ou que tivesse uma porta própria, pelo menos. Claramente, estava errada.

— Bom-dia — saúdo, com um sorriso aberto, todos os cinco sortudos que já chegaram. Nenhum deles é algum dos chefes, claro, esses raramente cá põem os pés. São muito adeptos de dar ordens via WhatsApp, como se por algum motivo o *email* já tivesse passado de moda e mais ninguém soubesse a não ser eles.

Se o aspeto por fora não é incrível, por dentro o escritório mostra-se como um misto de cenário de filme de terror e arrecadação. Quando somos contratados, as nossas ordens são nunca trazer cá clientes, mas, sim, deslocarmo-nos sempre nós para reuniões. *Imaginem o que iam pensar se vissem este lugar, sabendo o que lhes cobramos*, disse-nos um dos sócios, antes de soltar uma farta gargalhada. Olhando para a tinta a saltar das paredes, a decoração cinzenta e a luz fraca, consigo perceber porquê.

Arrasto a cadeira e ocupo o meu lugar. Penso em qual poderá ser o drama de hoje. Quando trabalhamos no mundo digital e, em particular, nas redes sociais, não há um dia sem drama. Atualmente toda a gente tem uma voz, uma opinião, e, surpreendentemente, as marcas de produtos e ofertas medíocres não gostam de ver em plena praça pública (ou seja, nas redes sociais) que os seus consumidores estão… bem, insatisfeitos.

— Nessa! — ouço chamar, vendo o Duarte a tropeçar numas caixas de papelão enquanto se encaminha para mim. Por algum motivo, por vezes chama-me apenas *Nessa*, como se o *Va* atrás fosse pesar muito no nome.

O Duarte é a minha única fonte de felicidade neste sítio. É alto e bem-parecido, com um cabelo escuro e uns olhos castanhos profundos. Anda sempre de calças de ganga escura e camisa, mas conjugadas com ténis porque não gosta de se apresentar de forma séria. Amo-o. É a minha pessoa. O *Yin* do meu *Yang*, a Christina da minha Meredith e o chocolate do meu… *croissant*?

Lembro-me claramente do dia em que nos conhecemos. Éramos ambos caloiros na faculdade e tivemos de fazer um exercício na praxe em conjunto. Consistia em levar um balão desde a nossa cintura até aos nossos lábios sem o rebentar, e ele tremia que nem varas verdes. Eu também estava nervosa, mas

era a faculdade e já tinha ultrapassado a minha timidez, por isso rapidamente comecei a fazer piadas. Tornámo-nos amigos instantaneamente, e não aqueles amigos de *olha, vou ali ao bar e se quiseres podes vir também, tanto faz*. Mesmo amigos. Daquele tipo que toda a gente se pergunta se somos apenas amigos, ou algo mais. Amigos verdadeiros. Ao ponto de eu saber que ele era *gay* antes de ele próprio conseguir admitir a si próprio que era *gay*. Não que fosse óbvio, como se andasse com um sinal ao peito, mas, sim, porque o fui conhecendo como a palma da minha mão. E quando finalmente me contou, anos depois, agi de uma forma casual, contente por ter assumido quem era na realidade — e por ter acabado com a galdéria da Maria, que me olhava sempre com desdém e fazia cenas de ciúmes das nossas brincadeiras. Claro que, tal como eu o conheço, ele também me conhece, e percebeu automaticamente que o meu *a sério? Não fazia ideia nenhuma, mas fico muito feliz por ti* era completamente fingido.

— Alguém está com muita energia hoje. — Rio-me, quando ele finalmente chega à minha beira e puxa a cadeira ao meu lado. Sempre que se senta junto a mim, avalia a minha secretária e franze o nariz. Enquanto outros têm fotografias dos filhos, do cão e do periquito, pilhas de cadernos, revistas e jornais, o tampo branco da minha secretária está exatamente assim: branco. Limpo. A verdade é que nunca senti a necessidade de colocar nada pessoal aqui porque desde o meu primeiro dia cá que soube que não ia ficar durante muito tempo. E, no entanto, dois anos passaram. Já o Duarte tem a dele enfeitada com *post-its* coloridos com todas as tarefas que tem de fazer.

— Sabes como nunca te peço nada?

Ainda pondero tentar evitar rir, mas é-me impossível.

— Tu? Tu nunca me pedes nada, Duarte? Estás a falar a sério?

Ele revira os olhos, mas não se deixa intimidar.

— Preciso que tires férias na semana de catorze a vinte e quatro e venhas comigo.

Esta é nova.

— Ir contigo… onde?

Ele está prestes a responder-me, mas não tem tempo, uma vez que vejo, por detrás dele, a porta a abrir e o Filipe a entrar com um saco castanho na mão e um copo de plástico com sumo de laranja na outra. Imediatamente, esgueiro-me para debaixo da secretária, sem que ele tenha oportunidade de me ver, e bufo. Isto é só ridículo. Na noite passada, tinha três chamadas não atendidas dele. Na anterior, sete. E na outra, bateu-me à porta, mas não abri.

— Quem pediu um pão com manteiga e um sumo de laranja? — ouço-o

perguntar em voz alta. Apenas o silêncio lhe responde. Provavelmente ninguém pediu nada, mas ele tenta sempre arranjar forma de cá vir.

O Filipe é o dono da pastelaria aqui ao lado — na verdade, é dono de uma mão-cheia delas em todo o país e de alguns restaurantes em Espanha. É loiro, de olhos azuis e tem um sotaque meio nortenho, uma vez que já o está a perder de morar há tantos anos em Lisboa. Além disso, tem imenso dinheiro proveniente de outros negócios. Também pode ter imensas raparigas, mas, para mal dos meus pecados, quer-me a mim.

Tudo começou de forma inocente.

A pastelaria abriu há poucos meses e passei a ir lá todas as manhãs buscar um *croissant* e um sumo natural. Era sempre ele que me atendia, diz que gosta de trabalhar nos espaços que abre durante alguns meses, para avaliar como tudo corre. Num dia perguntou-me o nome, no outro o número de telemóvel e alguns dias depois convidou-me para sair. No início, estava genuinamente interessada. Ele é bonito, educado e não magoa ouvirmos quão atraentes somos ou quanto nos desejam.

Mas, meu Deus, ele é tão aborrecido!

Não temos nada em comum. E pior… é tão colas como lamechas. Nunca fomos oficialmente namorados. Andámos durante umas semanas, mas a minha mãe sempre me ensinou a desconfiar de um homem que diz *amo-te* no segundo encontro, quer ir morar contigo no terceiro e faz planos em conjunto para os próximos dez anos quando ainda nem sabe qual é a tua comida preferida ou se tens alguma alergia. Claro que, quando terminei o nosso caso, foi todo um drama. Chorou agarrado a mim. Prometeu mudar — embora eu não saiba bem para o quê, considerando que não fez nada de errado — e disse *nunca vou desistir de nós, estarei aqui para ti, sempre*. Foi uma noite bastante constrangedora, estranha e arrepiante… e isso apenas para mim, para ele nem faço ideia de como tenha sido, além de com muito ranho à mistura.

— Ele já se foi embora? — pergunto, num tom de sussurro, recebendo um pontapé do Duarte por baixo da mesa.

— Bem, deve ter sido engano, então. Bom trabalho a todos. — Ouço, antes de a porta bater. Respiro de alívio e volto ao meu lugar, abanando a cabeça.

— Duarte, não sei onde é que queres levar-me, mas se não tiver de o aturar, prometo que nem faço perguntas. Apesar de ficar ligeiramente ofendida por achares que não tenho onde aplicar os meus dias de férias.

Ele nem me dá cavaco. Na realidade sabe que eu, de facto, não tenho mais nada de interessante para fazer nesses dias.

CAPÍTULO 2
Vanessa

Trabalhar em digital é um malabarismo constante entre ouvir o típico *é só fazer umas publicações* e *esta deusa da* Internet *vai conseguir apagar a minha concorrência do* Google. Infelizmente, ambos estão errados.

— Eu entendo, Dr. Pereira, mas não há mesmo nada que possa fazer… Não, Dr. Pereira, não fui eu que coloquei os seus dados na *internet*… Sim, eu sei que quando publicamos algo, é para sempre… Prometo que não. Quando faz compras *online* não aparecem já os dados pré-preenchidos? Tem que ver com as *cookies* e… Sim, Dr. Pereira, com… — Reviro os olhos e suspiro, contando até dez mentalmente. — Sabe que mais? Vou tentar apagá-los… Sim, não é incómodo nenhum. Claro que aviso se conseguir. Até logo, com licença, obrigada.

Não tenho a certeza sobre se já desliguei a chamada quando solto um grunhido. Nesse momento, ouço o toque do Skype e abro a mensagem.

DuarteOgrande [10:45]: A Pimbazocas está a pedir-te mais estratégias de Instagram que nunca vai usar?

Nessa [10:46]: Pfff, quem me dera.
O Zarolho diz que coloquei os dados dele na internet e quer que apague.
Quando é que saímos deste buraco, mesmo?

Ele olha-me do outro lado da sala e encolhe-me os ombros.

Nessa [10:47]: Bem me parecia.

Admito que talvez não sejamos as pessoas mais profissionais quando nos referimos aos nossos clientes, mas sai-nos com cada peça que, sinceramente, se não gozarmos com a situação, vamos acabar no Júlio de Matos. *Ou pior*. Na realidade, o Duarte leva tudo mais na brincadeira do que eu. Ele age como se estivesse neste emprego por pura diversão, e isso é algo que nunca vou conseguir perceber.

Passo as dez horas seguintes atolada entre planos de Instagram, estratégias de publicidade digital e respostas a pessoas muito insatisfeitas na página de Facebook de um dos nossos clientes de sabonetes. Sim, dez horas, porque embora a hora de entrada seja uma obrigação, a de saída nunca passa de uma sugestão.

A única coisa boa em sair tarde e a más horas perto do verão é que o sol ainda não se pôs completamente. A parte má é… bem, literalmente tudo o resto.

Encomendo uma *pizza* antes de me enfiar na banheira para um duche rápido e visto uma *t-shirt* velha e uns calções que servem de pijama. Ainda tenho a toalha enrolada na cabeça quando tocam à campainha e procuro furiosamente pela carteira no fundo da mala, depois de abrir a porta do prédio. Assim que a alcanço, abro a porta e estanco.

— Só podem estar a gozar comigo.

À minha frente, o Filipe está de pé, de cabelo arranjado com gel e uma camisa de ganga vestida. Sempre odiei camisas de ganga. Na mão, traz um ramo de rosas e um bilhete, e eu só gostava de me poder teletransportar neste momento para não ter de o ouvir depois do dia que tive.

— Vanessa, *ursinha*, por favor, ouve-me. — Juro que nunca imaginei que um homem crescido pudesse ter uma voz tão suplicante e… bem, irritante. Só gostava de saber de onde tirou o *ursinha.* — Eu amo-te. E sei que me amas. Não sei como te convencer, mas tenho a certeza de que isto vai ajudar: fiz-te um poema.

Eu ouvi bem? Ele escreveu-me um poema?

Deve levar o meu silêncio não como incredulidade, mas, sim, como motivação, e por isso clareia a garganta e começa a ler o pedaço de papel.

— Vanessa, Vanessinha, gosto de ti, como da minha cozinha. Bolos, ao pé do doce que és? Não são nada. Nada, como eu sou sem ti. O amor não se faz de ovos, farinha e açúcar. Mas contigo quero ficar. E amor quero-te dar. Por ti, vou até ao fim do mundo. Por ti…

— Filipe? — Eu juro que estou a tentar, mas isto é demasiado doloroso. Um poema? Nem meia dúzia de frases com nexo é, quanto mais um poema. Ele levanta os olhos do papel e olha-me com esperança, o que ainda torna

tudo pior. Sim, acho-o aborrecido e piegas, mas não tenho qualquer prazer em magoá-lo. — Filipe, nós já falámos disto, lembras-te? Eu disse-te que esta relação não estava a funcionar para mim e concordámos em afast… — Sou interrompida por um fungar. *Oh, Céus, outra vez, não. As lágrimas de novo, não.* — Filipe, por favor, acalma-te.

— Certo… certo… — Ele começa a respirar pesadamente e leva a manga da camisa ao nariz para limpar o ranho, e se isso não é só a coisa mais *sexy* que qualquer homem pode fazer, então não sei o que é. Sarcasmo e humor são as únicas ferramentas que me ajudam a lidar com a minha vida. — É só que é tão difícil. Por favor, Vanessa, por favor…

E aqui vem o abraço. Solto um suspiro quando, pela quarta vez no espaço de duas semanas, o Filipe começa a encher-me o ombro de lágrimas e ranho. Sou toda a favor de homens sensíveis. Já namorei com verdadeiros parvalhões e admiro um homem que se consiga conectar com os seus sentimentos e transmiti-los.

Mas em forma de baba e ranho? No meu corpo pós-banho? Não, obrigada.

— Filipe, tens de ir embora. Por favor. Já falámos disto. — Enquanto lhe dou palmadinhas nas costas, encaminho-o para as escadas como se de uma criança se tratasse. Quando me tenta passar as rosas para a mão, apenas lhe digo: — Não, Filipe, são tuas. São tão bonitas, vão ficar lindas na pastelaria. Vá lá, desce as escadas. Ótimo.

— Prometes que voltamos a falar? — A pergunta é sempre a mesma.

— Claro que sim. Adeusinho — é a minha resposta, enquanto abano a mão também.

Claro que, no que depender de mim, continuarei a esconder-me debaixo da secretária, e para a próxima espreito pelo óculo da porta, mas não é propriamente algo que lhe possa dizer com um sorriso forçado.

Felizmente, a *pizza* chega cinco minutos depois, abro uma garrafa de vinho e ligo ao Duarte para combinar o nosso dia de amanhã, enquanto pinto as unhas dos pés de vermelho. Embora tenha sido um dia de merda, tal como tinha deduzido quando acordei, não deixou de ser sexta-feira e isso significa duas coisas: amanhã é dia de almoço de família e, depois, estou livre para ir dançar com o meu melhor amigo.

Graças aos Céus por isso.

Pouco depois do meio-dia, estou a passar a ponte Vasco da Gama em direção à Margem Sul do Tejo e, enquanto canto em alto e bom som o refrão da

It's My Life dos Bon Jovi, repenso a minha escolha de indumentária para o almoço de família. Sei que a minha mãe adoraria apanhar-me lá de vestido e sabrinas, mas convenhamos, a cara das minhas tias sempre que apareço de calças meio rasgadas e *t-shirt* vale por tudo. Hoje, escolhi uma que diz *I NEED A HUGe glass of wine* e sei que vai servir para empatar, pelo menos, vinte minutos de conversa.

Quando saio da autoestrada, passo por aquela placa branca com letras garrafais negras que diz *Sarilhos Grandes*. Por vezes dou por mim a pensar se a minha falta de sorte na vida vem do facto de vir de… bem… Sarilhos Grandes. Mas depois lembro-me de que a minha terriola é mais pequena do que Sarilhos Pequenos (contra todo o senso comum, obviamente) e penso que podia estar mais mal servida.

Estaciono o meu *C3* velhinho junto ao portão com tinta verde a descascar e saio.

— Olá a todos! — cumprimento, assim que entro naquela pequena casa térrea, diretamente para a sala.

A algazarra já começou e toda a família fala por cima uns dos outros, com o som da televisão no máximo. Inclino-me sobre o meu pai, que só se levanta daquele cadeirão velho quando é para se voltar a sentar noutro lado, e dou-lhe um beijo. Depois de todos dizerem *Oláá́á, Vanessaaa*, sigo para a cozinha de onde já ouço várias vozes. Não tardo a ter três pares de olhos sobre mim e sorrio a todos eles com gosto.

— Tens de cortar esse cabelo, Vanessa — diz-me a minha mãe assim que lhe dou um beijo na bochecha e pouso uma garrafa de vinho na bancada. Optei por trazer o meu cabelo preso num rabo de cavalo alto na esperança de a enganar, mas uma mãe nunca se deixa enganar.

— Dizes isso todas as semanas, mãe — reclamo na brincadeira, vendo-a rir-se.

— Claro! Porque elas passam e tu não o cortas.

As minhas tias começam a rir e abanam-me a cabeça como quem diz *não lhe ligues*. Apesar de todas as picardias, na minha família, sempre fomos próximos, e não sei o que seria de mim sem eles. Embora a cozinha da mãe seja demasiado pequena para quatro mulheres estarem encostadas às paredes, isso não nos parece deter.

— Como está o trabalho, querida? — pergunta-me a minha tia Gertrudes. — Gosto dessa *t-shirt*!

— Estás sempre a falar de coisas sérias, Trudas, larga a miúda. Não entendo bem porque tem letras em maiúsculas e outras… Ahhh, que

engraçada! E os rapazes? — A tia Esperança dá uma cacetada no braço da tia Gertrudes e depois olha-me com expectativa, enquanto a tia Maria das Dores revira os olhos.

É engraçado como a minha avó foi mãe tão jovem, mas decidiu escolher os nomes das minhas tias como se elas já tivessem nascido velhinhas. A minha mãe foi a sortuda. Como foi a primeira, a minha avó ainda não devia ter engendrado todo um plano sobre como fazer as filhas odiarem-na, e chamou-lhe apenas Carla. A minha tia Maria também se ia safando, mas, pelo que ouvimos nos jantares de Natal, o parto foi demasiado complicado e a minha avó decidiu castigá-la para a vida inteira ao adicionar o *das Dores*. A tia Gertrudes ficou com o nome da nossa bisavó e normalmente é apelidada de Trudas, que detesta, e a tia Esperança… bem, a tia Esperança é pouco mais velha do que eu. Por pouco a minha mãe e a minha avó não estiveram grávidas ao mesmo tempo, e veio numa altura em que todas as irmãs já tinham voado do ninho e, por isso, trouxe esperança de volta à vida dos meus avós. Hoje brincam e dizem que se arrependem, porque gostavam de viver a velhice descansados, mas ela parece não querer sair de lá de casa. Só lhes dá paz quando se vem enfiar na casa dos meus pais para comer.

— Está tudo igual. Tanto de trabalho como de rapazes. — Roubo uma batata da tigela de vidro enquanto pego nela para a levar para a mesa da sala, em conjunto com a cesta do pão, voltando depois à cozinha. — Os avós não vêm?

— Não quiseram boleia. Devem estar a chegar. — Juro que não conheço mais ninguém que use o carro para atravessar três ruas, além da tia Esperança claro. Tão jovem e tão cansada. — Ah, é verdade! Tens de ver o que a tua mãe andou a inventar. Acho que vou levar à missa no domingo.

Olho-a e abano a cabeça. Como se alguma vez a minha avó conseguisse enfiar a minha tia Esperança na missa de domingo. Mesmo assim, dirijo-me ao quarto livre na casa dos meus pais — mais precisamente o meu antigo quarto — e abro a porta, vendo tecidos por todo o lado. Estendido sobre a colcha velha da cama, está um vestido cor de laranja, que me deve dar quase pelos tornozelos, com um corte leve de verão. Sinto a minha mãe atrás de mim, mas, em vez de lhe dar espaço, vagueio com os olhos pelos tecidos espalhados pelo resto do quarto e sorrio sozinha.

Nunca vou poder voltar para casa.

— Gostas, Vanessa?

— Está lindo, mãe. Acho mesmo que podias investir nisto. Ganhavas um bom dinheiro.

Antes de eu sequer nascer, quando esteve desempregada, a minha mãe fez um curso de costura e desde então nunca mais parou. Quando era miúda, tinha os disfarces de Carnaval mais incríveis da escola, os melhores vestidos de princesa, os fatos mais originais. Hoje, sei que o meu roupeiro antigo está cheio de roupas que a minha mãe faz por diversão — desde vestidos banais e outros mais elaborados, como os que me fez à medida para o baile de finalistas e um batizado a que fomos —, que nunca sairão dali para ver a luz do dia apenas porque ela não vê o valor que eles têm.

— Disparates — descarta, rapidamente. — Podes levar, se quiseres. Tem as tuas medidas. Olha que se não levares, a Esperança nunca mais o traz de volta.

Volto-me para ela e permito-me sonhar com o que poderíamos fazer. Bastava umas boas fotografias na *internet* e tenho a certeza de que passado uns meses a minha mãe bem que podia despedir-se e fazer disto a sua vida.

— Devias pensar nisso. Quando estiveres pronta, já sabes que te ajudo com tudo.

Menos de meia hora depois, toda a família está sentada à mesa. O meu pai passa as azeitonas à minha mãe; a tia Gertrudes ralha com os filhos adolescentes como se fossem crianças porque o tio Tiago fez-lhe queixas de qualquer coisa que se passou antes de virem; a tia Maria das Dores e a tia Esperança cochicham; e os meus avós dizem-me pela terceira semana seguida que pareço *tão, mas tão magrinha*, apesar de terem um aspeto demasiado jovem para serem os típicos avozinhos.

— E então, o que aconteceu àquele teu amigo? Não quis vir hoje? — O avô nunca se lembra do nome do Duarte, mas lembra-se sempre de perguntar por ele quando não vem comigo, o que acho adorável.

— Tinha umas coisas para fazer e não lhe dava jeito, mas já anda a desejar os cozinhados da mãe de novo.

— E quando é que isso evolui, hum? — O tio Tiago é o típico barrigudo que se acha com piada, e quando abro a boca para lhe responder, ouço do outro lado da mesa:

— Oh, Tiago, mas ainda não percebeste que o rapaz joga pela outra equipa? — Toda a sala faz silêncio total perante o comentário do meu pai, que começa a sentir-se acanhado e cada vez mais vermelho. — Oh, caraças, joga não joga?

— Joga, pai. Lamento, tio, essa porta está fechada. Mas vai continuar a aparecer para falarem sobre ténis, não te preocupes.

Sempre que se apanham juntos, o tio Tiago e o Duarte não falam de mais

nada. É engraçada a forma como a minha família praticamente o adotou desde a universidade e se dão tão bem.

E estranho que nunca conheci a dele, acabo por pensar entre garfadas de bacalhau com natas "*à la* dona Carla".